

CIES e-Working Paper N.º 112/2011

**“Até a bandidagem sabe”:** segregação e sociabilidades  
entre os jovens do *breaking* da Maré

OTÁVIO RAPOSO

*CIES e-Working Papers* (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, [cies@iscte.pt](mailto:cies@iscte.pt)

**Otávio Raposo** é licenciado em Sociologia (FCSH-UNL), mestre em Antropologia Urbana (ISCTE-IUL) e doutorando no Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana no ISCTE-IUL. É investigador do CIES-IUL, e tem vindo a desenvolver pesquisas nas áreas das culturas urbanas, sociabilidade, segregação, etnicidade e imigração. *E-mail:* raposao78@gmail.com

### **Resumo**

Na Maré, bairro do Rio de Janeiro formado por dezasseis favelas, localiza-se um dos mais fortes núcleos de dançarinos de *break dance* (dança característica do *hip hop*) da cidade. Num meio onde os confrontos armados entre as diferentes facções do tráfico de droga, agravados pela acção truculenta da polícia, impõem fronteiras que constroem as sociabilidades e o direito de ir e vir, eles têm conseguido romper as lógicas da segregação. A adesão à dança forneceu-lhes elementos simbólicos para interpretar e actuar no seu quotidiano, permitindo-lhes alargar as suas redes de amizade para fora dos limites territoriais impostos pelo tráfico, alterando o modo de se apropriarem do bairro. Nesse processo, criam identidades positivas que subvertem o rótulo de “favelado” e desafiam os estigmas e dispositivos de confinamento que os querem manter isolados e anónimos nos territórios de pobreza.

**Palavras-chave:** jovem, *hip hop*, sociabilidade, segregação, favela.

### **Abstract**

Maré, a Rio de Janeiro neighbourhood made up of seventeen favelas (shantytowns), possesses one of the city's strongest groups of breakers – performers of a characteristic hip-hop dance (also known as breakdancers). In an environment where armed confrontation between different drug-trafficking factions, aggravated by harsh police action, creates boundaries that restrict sociabilities and the right to come and go, they have managed to break with the systems of segregation. Taking up the dance has given them symbolic elements to interpret and act out in their daily lives, allowing them to broaden their network of friends beyond the territorial limits imposed by the trafficking, which changes the manner of their appropriation of the neighbourhood. In this process, they create positive identities that work against the label of “slum-dweller” and challenge the stigmas and devices that seek to confine them to the poverty-stricken districts in isolation and anonymity.

**Keywords:** young person, hip hop, sociability, segregation, favela/ shantytown.

## Situando a pesquisa

A Maré é um conjunto de dezasseis favelas da zona norte do Rio de Janeiro, reconhecida pelo poder público como um bairro desde 1994 (Silva, 2009), com mais de 130 mil pessoas, segundo o Censo Maré 2000 (CEASM, 2003). Foi a partir de Julho de 2009 que lá iniciei o trabalho de campo, quando passei a frequentá-la cerca de três vezes por semana com o objectivo de me inserir num grupo de jovens. O *break dance*, vertente da dança na “cultura *hip hop*”,<sup>1</sup> mobiliza mais de quarenta jovens no bairro, que se reúnem de três a quatro vezes por semana para treinar. O modo criativo e entusiástico como que se apropriam do *breaking*, assumindo-o como estilo de vida, motivou-me a centrar a etnografia no quotidiano e nas sociabilidades desses jovens. Os seus passos e coreografias variam do acrobático e desportivo à estilização de movimentos da capoeira e das artes marciais. Foi nos bairros negros e latinos de Nova Iorque, designadamente no Bronx, que o *break dance* foi criado, quando jovens passaram a desenvolver um novo estilo de dança para acompanhar as batidas de *break beat*<sup>2</sup> recriadas a partir dos sucessos de James Brown e de outros cantores de *funk* no final da década de 1960 (Noronha, Pires e Toledo, 2007). A pobreza e segregação nesses bairros eram muito fortes, e as disputas pelo domínio territorial entre gangues resultavam em violentos confrontos entre jovens. É neste contexto que surgem os *B-boys* (praticantes de *break dance*) em diversos bairros de Nova Iorque, cujo modelo de organização em *crews*<sup>3</sup> tinha a intenção de orientar as raivas, frustrações e rivalidades dos seus membros para a performance da dança, afastando-os das lutas entre gangues (Tella, 2000).<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Esta expressão, muito utilizada entre os seus adeptos, define as quatro vertentes que a integram: *rap*, DJ (*disc-jockey*), *break dance* e *graffiti*.

<sup>2</sup> Criada pelo DJ Kool Herc, a técnica do *break beat* consiste na arte de criar uma nova sonoridade a partir do isolamento de um fragmento melódico de uma música preexistente através do manuseio de dois discos iguais. Neste processo as vozes desaparecem e o prolongamento repetitivo dos fragmentos musicais numa secção rítmica dá a impressão de uma “quebra”. É neste intervalo de compasso que os movimentos devem estar ritmados, daí a expressão *break dance*, ou seja, dançar na “quebra” da música.

<sup>3</sup> Muito comuns no meio *hip hop* e com forte influência das culturas juvenis dos EUA, as *crews* correspondem a um grupo de jovens que se revêem em práticas comuns (neste caso o *breaking*), e que se juntam sob o mesmo nome (Raposo, 2007).

<sup>4</sup> Identificado como um dos principais fundadores do *hip hop*, Afrika Bambaataa desempenhou um papel preponderante na unificação das suas quatro vertentes para a elaboração de um programa ideológico comum. A criação da Zulu Nation tinha como objectivo canalizar a violência dos jovens, organizados em

Apesar de o *break dance* ser a vertente do *hip hop* com mais força na Maré, existem outros jovens que se dedicam ao *graffiti* e à música *rap*.<sup>5</sup> No primeiro caso, há um conjunto de grafiteiros (*writers*) que costumam frequentar a oficina de *graffiti* dinamizada pela Redes, uma das principais ONG a actuar no bairro.<sup>6</sup> Embora sejam poucos e com actuação irregular, mantêm a ligação entre eles através desta oficina e da Atari Funkers, uma *crew* a que também pertencem adeptos de *breaking*. Os *rappers* são escassos na Maré, e têm uma actividade pouco significativa, não existindo encontros informais de cantores de música *rap*. O grupo de *rap* Nação Maré, formado por três jovens do bairro, é o único que já lançou um álbum e aparenta manter algum tipo de actuação regular.

A maior parte dos jovens do *breaking* treina nas instalações de uma antiga fábrica, recentemente transformada no Centro Social Tekno. Localizada no Parque União, uma das favelas que compõem o bairro, este espaço passou a ser o palco principal dos encontros dos *B-boys* e *B-girls* da Maré a partir de 2008.<sup>7</sup> Ao não quererem restringir-se ao horário das oficinas de *break dance* da Redes, local onde a maioria entrou em contacto com a dança, passaram a procurar um novo espaço para poderem treinar mais vezes e não estarem submetidos à rigidez institucional. Nos seus treinos não há fortes interferências de adultos ou controle de ONG, pois são os próprios jovens que definem a sua dinâmica. São eles que determinam o horário dos treinos, os movimentos que pretendem aperfeiçoar e as músicas que escutam. A limpeza do espaço é garantida por eles, tal como a responsabilidade de trazer o aparelho de som, o decorflex (moderno revestimento de piso que os *B-boys* e *B-girls* utilizam) e a banda sonora. No entanto, os jovens precisam

---

gangues, para as diversas vertentes artísticas do *hip hop* (música, dança e pintura), onde poderiam expressar suas rivalidades de forma ritualizada (Santos, 2006).

<sup>5</sup> Os DJ de música *rap* são praticamente inexistentes na Maré, não identificámos nenhum.

<sup>6</sup> A Redes (Redes de Desenvolvimento da Maré) é uma instituição local que realiza projectos de desenvolvimento na Maré há mais de quatro anos, principalmente na favela da Nova Holanda. Apesar do pouco tempo de existência formal, grande parte dos seus funcionários actuam há mais tempo no bairro. Isto porque a Redes foi criada a partir de uma ruptura interna do CEASM (Centro de Estudos e Ação Solidária da Maré), uma influente ONG local, fundada em 1997, que continua a funcionar na Maré, herdando parte da sua estrutura (edifícios, cursos e outras actividades).

<sup>7</sup> Anteriormente treinavam num prédio abandonado no Morro do Timbau (primeira localidade a ser habitada na Maré), pertencente à Associação de Moradores, onde dividiam o espaço com praticantes de capoeira e bandas de *rock*. Problemas de partilha inviabilizaram a sua permanência, acabando por transferir-se para a Tekno.

de mediar o uso do espaço com o responsável da Tekno para garantir o bom funcionamento do local e apoiar as reformas que estão a ser realizadas no espaço. Recentemente, os jovens mais experientes passaram a revezar-se entre si para darem aulas de *break dance* a crianças e adolescentes dos 8 aos 14 anos (cerca de 12 crianças frequentavam as aulas). Esta iniciativa é uma espécie de “moeda de troca” pelo uso das instalações, e permite ampliar o número de frequentadores do centro social.<sup>8</sup> Embora não recebam qualquer remuneração, sentem-se gratificados por passar o conhecimento sobre a dança aos mais novos, e impulsionar uma nova geração de *B-boys* e *B-girls* no bairro.

Na Maré actuam dezenas de ONG e instituições (locais e supralocais), constituindo um laboratório não só para as políticas públicas, mas também para o desenvolvimento de inúmeros projectos sociais. O surgimento do *break dance* no bairro deve ser enquadrado neste contexto, pois foi através da implementação de oficinas de *hip hop*, a partir de 2001, por algumas ONG locais que este estilo se espalhou, ganhando cada vez mais adeptos.<sup>9</sup> Algumas dessas oficinas permanecem, como é o caso da Redes, instituição que oferece aulas de *break dance* e *graffiti* três vezes por semana nas suas instalações e nalgumas escolas da região. Diferentes da Tekno, essas oficinas funcionam numa lógica de aula, em que há um professor que dinamiza o treino a ser realizado, e um instrutor para auxiliá-lo (geralmente um *B-boy* mais experiente do bairro). Por vezes, os jovens da Tekno também treinam nessas oficinas, mas a incompatibilidade de horários está a tornar cada vez mais problemática essa participação. A entrada no mundo laboral e o aumento das responsabilidades, próprias da transição para a vida adulta, impede-os de

---

<sup>8</sup> O Centro Social Tekno é uma ONG que ainda está em processo de institucionalização. O galpão (ou barracão) onde funcionam as suas actividades é um exemplo disso, pois está paulatinamente a ser reformado (antigamente o espaço estava abandonado). Esse espaço também oferece aulas de boxe (a sua actividade principal), *taekwondo* e luta livre, além de ter salas de ensaio para bandas musicais locais. Segundo o seu responsável, o objectivo da Tekno é diminuir o tempo livre dos jovens nas ruas do bairro, preenchendo-o com o desporto e outras práticas lúdicas.

<sup>9</sup> O CEASM e a Ação Comunitária do Brasil foram as instituições precursoras na dinamização de oficinas de *hip hop* na Maré, quando aulas de *break dance*, *graffiti* e música *rap* passaram a ser oferecidas nas suas instalações e em escolas do bairro, em 2001. Posteriormente, foram criadas oficinas específicas de *breaking* e de *graffiti*, vertentes do *hip hop* com mais êxito na Maré. Actualmente, a Ação Comunitária já não oferece oficinas relacionadas com o *hip hop*, e o CEASM só recentemente voltou a oferecer aulas de dança relacionadas com o estilo.

treinar exaustivamente, como em anos anteriores, o que faz com que a maioria opte por treinar exclusivamente na Tekno.

Decidi não ser um mero observador, optando por treinar *break dance* com os jovens da Maré, de modo a mergulhar no seu quotidiano e proceder à “conversão moral e sensual ao cosmo” que queria estudar (Wacquant, 2002: 11). Treinar em conjunto com eles favoreceu a minha inserção no grupo, facilitando a conquista de confiança e amizade no seu interior. A prática do *breaking* possibilitou-me perceber, através do meu próprio corpo, as dificuldades e complexidades do estilo, apurando o olhar para movimentos subtis que antes passavam despercebidos. Esta experiência, conjugada com a observação participante noutros ambientes sociais, foi registada no diário de campo. Apliquei inquéritos à maioria deles, e fiz entrevistas semidirigidas (exploratórias e aprofundadas) a oito jovens, com o objectivo de conhecer melhor o seu dia-a-dia, e os efeitos do *break dance* no conjunto das suas sociabilidades e na relação que desenvolvem com o bairro e com a cidade do Rio de Janeiro. Os representantes das principais instituições que desenvolvem trabalhos na Maré também foram entrevistados por mim, designadamente as entidades que actuam mais directamente com a juventude. Por último, recolhi imagens do seu quotidiano, com o objectivo de realizar um documentário.

## **1. Geografias da Maré: dos tipos de ocupação à violência**

### *a) Uma “maré” de histórias e de construções*

A Maré não é uma favela, mas um conjunto de dezasseis favelas que somam 132.176 moradores, segundo o Censo Maré 2000.<sup>10</sup> A diversidade interna é uma das suas características marcantes, pois as várias localidades que a compõem foram construídas em diferentes momentos históricos e políticos, o que se repercutiu numa heterogeneidade habitacional e populacional. A apropriação do território e os processos de produção da habitação pelos moradores ao longo do tempo produziram alterações profundas no bairro,

---

<sup>10</sup> Organizado pelo CEASM nos anos de 2000 e 2001, foi o primeiro censo realizado exclusivamente em favelas brasileiras (CEASM, 2003). Actualmente, a Redes e o Observatório de Favelas são as instituições que estão a organizar um novo censo, dadas as grandes transformações que o bairro atravessa. Segundo alguns dos seus responsáveis, a população da Maré ultrapassa as 140 mil pessoas, constituindo-se como o maior conjunto de favelas do Brasil.

e obedeceram à realidade local de cada uma das favelas da Maré. Considerada, formalmente, um bairro pela Prefeitura do Rio de Janeiro desde 1994 (Silva, 2009), as primeiras habitações da Maré datam da década de 1940, quando famílias ocuparam informalmente o Morro do Timbau, enquanto as mais recentes foram criadas pelo Estado em meados da década de 1990, como é o caso da Nova Maré, Salsa e Merengue e do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (Jacques, 2002). A seguir descrevo historicamente como se desenvolveram as principais localidades da Maré, designadamente aquelas onde vivem os praticantes de *break dance*.

O **Morro do Timbau** é a única favela da Maré que não é plana. Edificada a partir da década de 1940 através de um processo de ocupação espontânea, os seus primeiros moradores aproveitaram o facto de existir um terreno “abandonado” bem próximo da Avenida Brasil, uma das principais vias de acesso à cidade, inaugurada poucos anos depois do início da ocupação. A inexistência de uma política habitacional consistente tornava as ocupações de terreno na antiga capital federal a única opção de moradia para as famílias pobres da cidade, recurso também accionado pelos milhares de migrantes que chegavam de todas as partes do Brasil, principalmente do Nordeste, em busca de melhores condições de vida. A vasta oferta de emprego que emergia do cinturão industrial que crescia nas margens da Avenida Brasil, a facilidade de acesso ao centro da cidade e o relativo abandono de terrenos na orla da Baía de Guanabara foram alguns dos ingredientes que fizeram com que rapidamente essa área fosse ocupada por novos residentes.

Depois de se esgotar a oferta de terrenos no Morro do Timbau e nas suas margens secas, o processo de expansão direccionou-se para as áreas alagadiças do mangue no entorno da Baía de Guanabara, dando origem às palafitas. A **Baixa do Sapateiro** e o **Parque Maré** foram as favelas construídas maioritariamente em terrenos alagadiços a partir do final da década de 1940 e no início da de 1950, respectivamente. As palafitas fizeram parte da paisagem até à década de 1980, quando uma grande urbanização do poder público, chamada Projeto Rio, aterrou as áreas de mangue. Derrubou as palafitas e realojuou grande parte dos seus moradores nas recém-construídas Vila do Pinheiro, Vila do João e Conjunto Esperança, novas localidades que passaram a integrar a Maré (Jacques, 2002).

As favelas **Rubens Vaz** e **Parque União** foram criadas em processos de ocupação, contudo diferenciados. O primeiro deu-se em meados de 1950 e resultou de um processo de ocupação espontâneo, quando famílias aproveitaram parte de um aterro realizado nas margens da Avenida Brasil para construir as suas casas. Invadiram o terreno e construíram as barracas, praticamente da noite para o dia, de modo a diminuir as hipóteses de serem desalojadas pela polícia. Não bastava só construir a casa. O próprio chão onde era edificada deveria levar camadas de aterro (com entulhos, carvão ou pedras) para aumentar a altura do terreno e diminuir as hipóteses das águas da Baía de Guanabara invadirem as casas (Vieira, 2002). No Parque União, a ocupação foi planeada pelo advogado Margarino Torres, ligado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), que demarcou os lotes e os arruamentos no final da década de 1950. As ruas largas e paralelas entre si, a pouca incidência de becos e vielas e o maior tamanho dos lotes das casas em comparação com outras partes da Maré revelam o desejo de se criar um bairro proletário com boas condições de habitabilidade. O nome Parque União vem das várias lutas que se travaram contra as ameaças de remoção feitas pelo Estado (Vieira, 2002).

A **Nova Holanda** apresenta um processo de ocupação completamente diferente, pois foi planeada pelo poder público para ser um centro de habitação provisória (CHP) na década de 1960. Construída sobre um imenso aterro, os seus moradores vieram de várias favelas que foram destruídas pelo Estado, tais como Esqueleto, Morro da Querosene, Praia do Pinto e Morro da Formiga. Esta experiência realça a ideologia higienista e repressora da política habitacional brasileira, numa época em que se vivia sob o domínio da ditadura militar.<sup>11</sup> As centenas de casas da Nova Holanda serviam como centro de triagem dos “favelados”, removidos em massa das áreas valorizadas da cidade para serem “reeducados” e aprenderem cuidados básicos de higiene e “hábitos mais civilizados e humanos” (Jacques, 2002). A Fundação Leão XIII, instituição pertencente à Igreja católica, era a responsável pelo bom uso das moradias, gerindo não só os processos de transferência para as CHP, mas também exercendo uma atitude intimista e controladora sobre os seus residentes. Por serem consideradas habitações provisórias, as casas foram construídas em madeira, e as autoridades não permitiam que os seus moradores fizessem

---

<sup>11</sup> Entre os anos de 1968 e 1975 foram removidas cerca de 100 mil pessoas, tendo sido destruídas aproximadamente 60 favelas, a maioria delas localizadas em áreas valorizadas da cidade (Burgos, 2006).

melhorias. Estes deveriam aguardar até serem realojados em conjuntos habitacionais de áreas urbanizadas, o que provocou a rápida deterioração das moradias.

A falência dessa política habitacional, cuja ambição era a erradicação de todas as favelas, fez com que o provisório se tornasse definitivo, transformando a Nova Holanda em mais uma das favelas da Maré (*id.*, *ibid.*). A maior abertura política, que culminaria com o fim da ditadura militar, e a maior organização dos seus residentes (foi criada a Associação de Moradores da Nova Holanda), fizeram com que os moradores perdessem o receio de investir nas suas residências. Num primeiro momento, as antigas casas de madeira foram substituídas por alvenaria e, posteriormente, passou-se aos chamados “puxadinhos” (estender as casas até os limites da calçada) ou fazê-las crescer verticalmente com construção de “lajes” (placas a que se sobrepõe mais um piso).

Actualmente, as antigas casas do CHP já não existem na Nova Holanda, e a heterogeneidade de construções (em altura, arquitectura, estética ou tamanho) é a sua marca predominante. Contudo, subsiste o traçado moderno das ruas e calçadas (paralelas entre si), não existindo os becos e as vielas características das ocupações espontâneas. Conseguiu-se, através do Projeto Rio e de outras políticas de urbanização posteriores, que se edificassem praças, campos de futebol, se asfaltassem as ruas e melhorassem as redes de saneamento, de água e de distribuição de electricidade, apesar de se manterem ainda precárias (*id.*, *ibid.*).

A **Vila do Pinheiro** e a **Vila do João** são grandes conjuntos habitacionais de casas geminadas de tipo unifamiliar, construídas, no início da década de 1980, pelo poder público no âmbito do Projeto Rio, para abrigar os antigos moradores das palafitas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré. É interessante notar que as obras que os moradores fizeram nas suas residências, com vista a expandir e melhorar as condições de habitabilidade, tornaram-nas muito mais parecidas com outras favelas da Maré que com os bairros, ditos formais, da cidade do Rio de Janeiro. A introdução das lógicas do “puxadinho” (expansão horizontal) e da “laje” (expansão vertical) alterou radicalmente a fisionomia das casas, contrariando as lógicas homogeneizantes e de imposição de modelos autoritários de planeamento arquitectónico e urbano (*id.*, *ibid.*). Nessas localidades seguiram-se os métodos de autoconstrução e de participação comunitária, que fizeram com que as casas crescessem para cima e para os lados. A sua expansão segue o

ritmo das condições financeiras dos proprietários e não tem projecto prévio, o que explica a eterna mutação e a aparência inacabada da maioria das moradias. A criatividade dos moradores para alterar as residências não só é um meio de aumentar o conforto da família (que está a crescer), mas também serve como fonte de renda. Muitas vezes, os anexos construídos abrigam comércios informais, podendo também ser vendidos ou alugados a outros núcleos familiares. Tanto a Vila do Pinheiro como a Vila do João demonstram a incapacidade de arquitectos e urbanistas para incorporarem a “cultura construtiva” dos habitantes das classes populares, acostumados eles próprios a construir as suas casas, criar novos espaços públicos e, até mesmo, instalar infra-estruturas básicas (água, luz e esgoto), na maioria das vezes colectivamente, através das ajudas mútuas entre colegas e vizinhos, ou em processo de mutirão<sup>12</sup> (*id.*, *ibid.*).

*b) Violência e tráfico de droga: a imposição de fronteiras na Maré*

As diferentes quadrilhas que disputam o tráfico de droga na Maré são agentes sociais fundamentais para a compreensão do modo como os seus moradores se apropriam do território do bairro e vivem a sociabilidade. Estas lutam incessantes entre si, na tentativa de assegurar o monopólio da venda de drogas, obrigam a população a sujeitar-se à presença de “bocas de fumo” (local onde a droga é vendida), e de traficantes fortemente armados nas proximidades das suas residências. Tiroteios ou arbitrariedades físicas e psicológicas não são raras, tendo como consequência a constante interrupção nas rotinas diárias dos seus moradores. A “contiguidade territorial inescapável” (Silva, 2008) dos moradores da Maré com esses grupos armados, aliada à sua impotência perante as regras impostas pelo tráfico, faz com que eles não tenham outra escolha senão a submissão. Roubar, violar ou bater em alguém dentro da Maré pode acarretar pesadas penas aos infractores, variando desde um simples aviso até à própria morte, segundo conversas com informantes privilegiados. A “lei do silêncio” é uma questão de sobrevivência, e ninguém se arrisca a denunciar as acções do tráfico ou a contrariar os seus interesses.

---

<sup>12</sup> Mutirão – mobilização colectiva, baseada na ajuda mútua prestada gratuitamente (termo brasileiro de origem tupi).

A presença armada do tráfico na Maré é ostensiva, principalmente nos finais de tarde ou nos fins-de-semana, quando costuma estar de vigia à polícia e às quadrilhas inimigas nos principais pontos de acesso. Jovens exibem pistolas, metralhadoras, espingardas ou escopetas, não sendo difícil ver “bondes armados” nas caixas de *pickups* roubadas, ou circulando em motos. Não só da droga vive o tráfico. Segundo alguns funcionários de ONG locais, as ligações clandestinas de televisão por cabo e Internet (chamadas pelos moradores TVGato e GatoNet, respectivamente) proporcionam importantes somas financeiras. Cobram taxas semanais aos comerciantes locais, taxas ilegais pela distribuição de gás e participam nos lucros advindos da venda de imóveis na favela e do transporte alternativo realizado através de carrinhas de dez lugares (chamadas *vans* ou *kombis*) e do serviço de moto-táxi.

O conflito entre quadrilhas rivais na Maré espelha a dinâmica do tráfico de droga no Rio de Janeiro, dado ali actuarem todas as facções presentes na cidade, inclusive as milícias. Estas são grupos paramilitares formados por polícias, bombeiros, militares e ex-polícias, que exercem o controlo territorial por via das armas e da intimidação, cobrando aos comerciantes e moradores taxas ilegais de segurança, além de explorarem o transporte alternativo, a distribuição de gás, a Internet e a televisão por cabo clandestina.<sup>13</sup>

Quando comecei a frequentar a Maré, em Julho de 2009, havia três facções a dominar diferentes localidades do bairro. Nova Holanda, Parque União, Parque Maré e Rubens Vaz eram controladas pelo Comando Vermelho (CV). A Baixa do Sapateiro, o Morro do Timbau, a Nova Maré, o Conjunto Bento Ribeiro Dantas, a Vila do Pinheiro e o Conjunto Pinheiro eram territórios do Terceiro Comando Puro (TCP). A Vila do João, o Salsa e Merengue, e o Conjunto Esperança eram áreas de influência da facção Amigos dos Amigos (ADA). Por fim, o Parque Roquete Pinto, a Praia de Ramos e o Conjunto Marcílio Dias eram áreas de domínio das milícias. Intensos conflitos pela disputa de territórios entre as quadrilhas rivais TCP e ADA estavam a ocorrer nos meses iniciais do

---

<sup>13</sup> Segundo afirmações do deputado estadual Marcelo Freixo e de outros especialistas no assunto, muitos milicianos passaram recentemente a vender drogas nos territórios onde actuam. Para mais informações ler: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/milicia-ja-vende-droga-e-divide-favela-com-facciao-do-trafico-no-rio-20100508.html>

meu trabalho de campo. Uma vez que a violência não parava de aumentar, moradores, instituições locais e ativistas de movimentos sociais organizaram um “Acto pela Paz” em Setembro de 2009, com o intuito de mobilizar os residentes e consciencializar a opinião pública. Cerca de quinhentas pessoas compareceram no acto, que percorreu as áreas onde os confrontos eram mais frequentes.

A violência diária acarretou graves consequências para vida dos moradores. Não podiam sair de casa em determinados horários (principalmente à noite), parte do comércio mudou de local para não ficar no “fogo cruzado”, e pessoas sem qualquer vínculo com o tráfico foram vítimas de balas perdidas ou assassinadas ao serem confundidas com integrantes de facções rivais. Aproximadamente quarenta pessoas morreram nesses conflitos, segundo Eliana, directora da Redes e antiga presidente da Associação de Moradores da Nova Holanda. Nas reuniões de preparação do Acto pela Paz que frequentei, moradores acusavam a polícia de não proteger ou salvaguardar os habitantes do bairro, vítimas da luta pelo território entre as facções rivais. Denunciavam a polícia pelo suporte a uma das facções envolvidas (TCP) que, com o apoio do caveirão (veículo blindado adaptado para as forças policiais), teria alterado a correlação de forças e despoletado os terríveis confrontos armados que se seguiram.<sup>14</sup> Após seis meses de intensos conflitos, a facção TCP expulsou a ADA da Maré, adquirindo o domínio dos seus territórios.

Este exemplo é demonstrativo de como a polícia é um importante agente na promoção da violência e no sentimento de insegurança que daí advém. Por um lado, parte significativa dos polícias que actuam na Maré seria cúmplice das quadrilhas, ao receber porções do lucro gerado pelo tráfico, influenciando o modo como estas actuam e se organizam. Por outro lado, realizariam investidas pouco planeadas, desencadeando tiroteios que põem em risco a vida dos moradores, na sua imensa maioria trabalhadores sem qualquer ligação ao tráfico.<sup>15</sup> Esta é a visão dos jovens do *breaking* da Maré e de

---

<sup>14</sup> Esta versão dos acontecimentos pode ser lida em inúmeros meios de comunicação que acompanharam os fortes confrontos armados ocorridos no bairro. Um exemplo é a notícia: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/caveirao-servico-do-traffic-na-mare-297199.html>

<sup>15</sup> Inúmeros estudos e reportagens denunciam que a corrupção e violência policial no Rio de Janeiro não constituem excepções, estando entranhadas no seio desta corporação. É comum receberem quantias significativas do tráfico, distribuídas entre os agentes responsáveis pelo policiamento da área, e alguns deles terem participação na venda ilegal de armas. A falência deste modelo de segurança pública encontra

alguns representantes de ONG locais com quem contactei. Para a vice-presidente da Associação de Moradores da Nova Holanda, “a polícia é o principal agente da violência no bairro”. Entrariam com o caveirão a disparar sem qualquer respeito pelos moradores, insultando-os através dos seus altifalantes e disseminando o pânico.

## **2. (Re)Pensando o conceito de favela**

A maior parte das pesquisas sobre as favelas regem-se por três dogmas, segundo Licia Valladares (2008). O primeiro analisa a favela como um espaço específico e particular, criador de uma espécie de “cultura da favela” que condicionaria o comportamento dos seus habitantes. O segundo dogma vê a favela como “*locus* de pobreza e território urbano de pobres” (*idem*, 2008: 151). Um local da ausência por excelência, onde não haveria quase nenhum serviço, a presença de poderes públicos seria inexistente, e os seus moradores estariam entregues a si mesmos. Nesta perspectiva, os habitantes das favelas formariam leis próprias ou códigos particulares, e seriam a expressão viva dos problemas sociais estampada na categoria pejorativa de “favelado”. O último dogma reduz o universo plural da favela a uma categoria una e homogênea. As suas diferenças, inclusive internas, são negadas e cria-se uma representação caricatural das favelas: ocupações ilegais em morros sem leis e desorganizadas, subequipadas, e áreas de concentração de pobres e analfabetos.

A Maré é indiscutivelmente um bairro popular, cuja população é formada por famílias com renda abaixo da média dos moradores da cidade do Rio de Janeiro. No índice de desenvolvimento humano (IDH) municipal, realizado com mais de uma centena de bairros, a Maré estava na quarta pior posição.<sup>16</sup> Todavia, já não se pode pensar nos moradores das favelas, designadamente na Maré (na minha percepção uma favela com

---

a sua face mais visível nas favelas da cidade, alvo preferencial de operações policiais truculentas e desrespeitadoras dos direitos humanos. Mais de dez mil pessoas foram mortas em confrontos com a polícia, o chamado “auto de resistência”, no estado do Rio de Janeiro, entre Janeiro de 1998 e Setembro de 2009, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISS). Para mais informações consultar textos disponíveis no Observatório dos Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro (<http://www.observaconflitos.ippur.ufrj.br>) ou na Justiça Global, uma ONG de direitos humanos: <http://global.org.br/>

<sup>16</sup> Estes dados foram recolhidos através do censo demográfico realizado em 2000. Para mais informações ver: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/portalgeo/index.asp>

melhores equipamentos e infra-estruturas que a maioria), como pertencentes, exclusivamente, às classes mais baixas da sociedade, sob pena de não se compreenderem os inúmeros processos de mudança que a pobreza e a habitação atravessaram nas últimas décadas no Brasil. A existência de pequenos e médios comerciantes, ou mesmo de indivíduos que se tornaram proprietários de vários imóveis – muitos dos moradores fizeram da verticalização das suas casas um bom negócio – negam as teorias que generalizam para todos os moradores das favelas o estatuto de pobreza. Há uma classe média baixa emergente na Maré. Basta entrar nalgumas residências e ver os electrodomésticos novos, as grandes televisões (algumas de plasma) e a qualidade dos seus acabamentos internos. Muitos têm Internet e televisão por cabo (mais baratas por serem clandestinas), o que realça, também, a intensa relação dos seus moradores com as novas tecnologias. A presença de muitos estudantes universitários na Maré é outro dado que ajuda a desmistificar as representações hegemónicas sobre os habitantes das favelas, caracterizados como pessoas mal-educadas e de pouca instrução. O aumento significativo do número de estudantes universitários na Maré está associado à dinamização de cursos pré-vestibulares<sup>17</sup> por algumas das ONG que actuam no bairro, cuja presença cresceu vertiginosamente a partir da década de 1990, ajudando a ampliar as oportunidades oferecidas à população. Actualmente, cerca de 5% dos habitantes do bairro chegaram à universidade, contra menos de 1% no fim da década de 1990, segundo Jaílson Silva,<sup>18</sup> um dos idealizadores desses cursos. A tendência é para o número de universitários no bairro aumentar, com a consolidação e o sucesso dos cursos dinamizados pelo CEASM e Redes, e a expansão das universidades públicas e privadas no país.

São tão diversas as localidades da Maré que, se as analisarmos nas suas várias dimensões (históricas, geográficas, sociológicas, etc.), não será difícil contrariar as análises que vêem as favelas sob o prisma da rigidez e da homogeneidade. No bairro há desde áreas planas (a maior parte da Maré) a construções em morro (Timbau), ocupações espontâneas (Rubens Vaz, Baixa do Sapateiro, Parque Maré e outros), ocupações planeadas (Parque União), edificações construídas pelos poderes públicos tanto em

---

<sup>17</sup> Cursos de preparação para o “concurso vestibular”, exame de selecção para acesso ao ensino superior.

<sup>18</sup> Informação recolhida na exposição de Jaílson Silva no colóquio “Aspectos Humanos da Favela Carioca: Ontem e Hoje”, realizado em Maio de 2010 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

formato de unidades unifamiliares (Vila do Pinheiro, Vila do João e outros) como multifamiliares (Conjunto Pinheiro e Conjunto Esperança). Nessas várias localidades houve transformações tremendas, seja através de urbanizações feitas pelo Estado (o Projeto Rio foi a que teve maior impacto), como intervenções urbanas realizadas pelos próprios moradores.

As diferenças sociológicas entre os seus habitantes são gigantescas. Há moradores recentes e outros que chegaram há mais de cinquenta anos; brancos, negros e mestiços; famílias provenientes de vários estados brasileiros e com diferentes rendimentos, etc. As próprias localidades acabam por espelhar essa diversidade. Por exemplo, é comum dizer que o Parque União é a “zona sul” da Maré, isto é, a região mais rica do bairro. Nesta localidade, a concentração de nordestinos é bastante superior às demais, enquanto na Nova Holanda há maior presença de negros. Esta heterogeneidade também se reflecte dentro de cada favela. No interior de cada “microárea” (Alvito, 2001) identificam-se redes familiares específicas, vizinhos mais ou menos abastados e diferenças arquitectónicas que evidenciam ocupações distintas.

As diversas culturas urbanas presentes na Maré são emblemáticas da forte heterogeneidade da sua população. Os *B-boys* constituem uma pequena fracção das culturas juvenis da Maré, também há funkeiros, emos, rockeiros, grafiteiros, forrozeiros, pagodeiros, skatistas e jovens que se reúnem segundo outros estilos musicais (*axé music* ou *lambaeróbica*) e práticas desportivas (futebol, musculação, capoeira, etc.). Nos fins-de-semana os bares tocam música *funk* em alto volume a poucos metros de celebrações evangélicas e rodas de samba, e na mesma esquina cruzam-se fiéis com a Bíblia na mão e jovens a ostentar armas de grosso calibre. Este “caldeirão” revela uma multiplicidade de formas de ser jovem na Maré, não estando os seus habitantes encerrados numa “cultura de favela” que condicionaria os seus comportamentos e trajectórias individuais. A Maré não está isolada, tampouco os seus residentes confinados à sua área de residência. Pelo contrário, muitos dos jovens do bairro estão permanentemente em contacto com novas tendências estilísticas e modas culturais, o que é reforçado pelas dezenas de *cyber-cafés* do bairro, sempre a abarrotar de jovens a pesquisar na Internet e a conversar virtualmente através das redes sociais (Messenger e Orkut são as preferidas). Neste sentido, a Maré é um espaço de diversidade por excelência, sendo urgente ultrapassar os discursos de senso

comum que concebem os habitantes das favelas como “coitadinhos”, carentes ou marginais.

### **3. Nas ruas da Maré**

Ao entrar na Rua Teixeira Ribeiro, uma das mais movimentadas da Maré, dei-me conta do forte comércio presente no bairro. Só nesta rua há três grandes supermercados, várias lojas de móveis, colchões e electrodomésticos, gelatarias, uma loja de material fotográfico, cinco dentistas, médicos de diversas especialidades, dois escritórios de advocacia, correio, venda de lotaria, uma agência de viagens, uma farmácia de manipulação, vários salões de beleza, dois bancos de microcrédito, uma imobiliária, três pastelarias (todas administradas por chineses), inúmeras lojas de roupas, cabeleireiros, restaurantes, bares, etc. Por toda a Maré há várias agências imobiliárias, lojas de brinquedos para crianças, lojas especializadas em animais domésticos, feiras populares (realizadas em diversos pontos do bairro), e dezenas de *cyber-cafés*. Esta exuberância comercial realça o forte comércio interno do bairro, contrariando as análises simplistas que apontam a favela essencialmente como local de ausência e pobreza. Muitos moradores fazem dos “puxadinhos” das suas casas um pequeno negócio, outros montam barraquinhas em frente para vender salgados, sumos ou DVD, o que garante um importante complemento financeiro na renda familiar.

Em conversa connosco, um jovem da Maré relatou que a sua sogra tinha a oportunidade de ir morar em Niterói (uma cidade com boa qualidade de vida localizada na Área Metropolitana do Rio de Janeiro), mas não quis ir, justificando: “Niterói é bom para morar mas não é bom para ganhar dinheiro.”

Comprimida entre alguns dos principais eixos viários da cidade – Av. Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela –, a Maré possui uma localização estratégica, e nas suas imediações há autocarros para toda a cidade. Está muito próxima do centro (cerca de vinte minutos de transporte público), e no seu interior há várias linhas de transporte alternativo (feitas por *vans*, *kombis* e moto-táxi). Algumas das principais ONG do Rio de Janeiro estão localizadas na Maré, nomeadamente o CEASM, a Redes e o Observatório de

Favelas.<sup>19</sup> Há inclusive o Museu da Maré (criado pelo CEASM), que narra a história do bairro e dos seus antigos moradores, com fotografias, objectos doados e uma réplica de palafita em tamanho real. As ONG que actuam na Maré oferecem inúmeros cursos e oficinas para os seus residentes, que variam do lúdico (*break dance*, capoeira, boxe, violão, etc.) até cursos profissionalizantes (desde carpintaria a electrotécnica). Os cursos de pré-vestibular, que preparam os jovens para as provas de acesso à universidade, são os mais concorridos, e foram o principal motivo para a criação de algumas ONG locais como, por exemplo, o CEASM. Também oferecem cursos de línguas (inglês e espanhol), informática, reforço escolar e preparatório, este último visando o ingresso dos jovens nas escolas técnicas.

A Maré também está na Internet, inúmeros *sites* de ONG e instituições locais estão presentes no mundo virtual: CEASM, Redes, Observatório de Favelas, Luta pela Paz, Ação Comunitária do Brasil, Museu da Maré, GRES Gato de Bonsucesso, Vila Olímpica da Maré, etc.

São raras as ruas sem asfalto no bairro. De acordo com os meus entrevistados (jovens do *breaking* e integrantes de ONG do bairro), a quase totalidade do bairro dispõe de iluminação e de recolha de lixo, e tem infra-estruturas básicas (saneamento, água e electricidade),<sup>20</sup> embora a qualidade desses serviços não seja boa.<sup>21</sup> Há vários postos de saúde, escolas, campos de futebol (alguns de relva sintética), parques infantis, pistas de *skate* e, em certas épocas do ano, há pequenos parques de diversão montados nas praças do bairro. Portanto, considero que não é a “ausência” o que caracteriza as favelas e, em particular, a Maré. Então qual seria a sua especificidade? Não terá essa pergunta uma forte carga essencialista?

---

<sup>19</sup> O Observatório de Favelas é uma instituição supralocal, com sede na Maré, que apoia pesquisas e acções públicas que visam o conhecimento, a formulação de políticas públicas e a dignificação da população das favelas. Para mais conhecimento aceder ao *site*: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/>

<sup>20</sup> Grande parte das residências da Maré têm ligações clandestinas de electricidade, o chamado “gato”, uma forma de os moradores burlarem o pagamento das tarifas de luz. Também não pagam a tarifa de água, apesar de a empresa de distribuição de água (CEDAE) oferecer os seus serviços aos moradores do bairro. A recolha de lixo é feita por varredores comunitários, contratados pela empresa do município (Conlurb).

<sup>21</sup> É comum haver falta de energia eléctrica e de água no Verão, altura em que esses serviços são mais accionados pelos moradores. Por diversas vezes presenciei alagamentos nas ruas do bairro devido às fortes chuvas de Verão, e a recolha de lixo não é feita com a devida regularidade.

Mais do que dar uma resposta conclusiva sobre o que é favela, importa conhecer as práticas concretas e as políticas de identificação que os governos, meios de comunicação e os próprios moradores desenvolvem na disputa pelo significado desse tipo de território (Birman, 2008). Ter em atenção as opiniões destes últimos será indispensável para se conseguir uma visão “de dentro”. Alguns dos moradores fazem questão de enfatizar a ausência de segurança em que vivem os seus habitantes, encurralados entre as arbitrariedades do tráfico e da polícia. Outros mencionaram o carácter precário dos serviços públicos recebidos, realçando que os equipamentos públicos da Maré são sempre subdimensionados e de má qualidade. É o caso de uma funcionária do CEASM, também moradora na Maré, que critica a escassa oferta de escolas secundárias no bairro – apenas três, duas delas com aulas exclusivamente em período nocturno. Também critica a diminuta oferta de especialidades médicas nos postos de saúde, que funcionavam apenas com clínico geral, pediatra e ginecologista. Mesmo esses médicos seriam em número insuficiente, oferecendo um mau serviço à população:

Isso exemplifica a forma como os moradores das favelas são tratados, pois para o Estado os “favelados” só precisariam de ginecologistas e pediatras. Não há fisioterapeutas, fonoaudiólogos e outras especialidades médicas. [Cláudia, 26 anos]

Outros relataram como características marcantes da favela o estilo de vida dos seus moradores e as casas geminadas, construídas e reformadas de acordo com as possibilidades e os conhecimentos dos seus habitantes. Como afirma Francisco Marcelo, de 34 anos, um apaixonado do *hip hop* e morador da Vila do João:

A favela é um lugar de luta e de resistência de um povo que aprendeu, com as dificuldades, a superá-las e a dar valor à vida. As pessoas têm vida nas favelas. Morar na favela não é para qualquer um, as pessoas têm de ser muito inteligentes para morar na favela, se o cara não for bom, ele morre. Favela, cara, eu acho que é solidariedade, esse calor humano, essa proximidade, são as construções geminadas, a autoconstrução, que identifica o saber dessas pessoas também.

#### 4. Quem são os jovens do *breaking* da Maré?

Os dançarinos da Maré têm entre 13 e 30 anos, mas a grande maioria situa-se entre os 16 e os 20. São quase exclusivamente rapazes, só existindo uma *B-girl* no grupo. Quando os treinos eram no Morro do Timbau, havia uma maior participação feminina. A mudança para o Parque União, desentendimentos no seio do grupo e a preferência de algumas delas por outras danças e práticas desportivas fizeram com que quase todas desistissem. O reduzido número de raparigas a praticar *breaking* não é exclusivo da Maré, e estende-se a outras *crews* e grupos informais dentro e fora do Rio de Janeiro.<sup>22</sup>

Há uma forte diversidade económica entre os praticantes de *breaking* na Maré, existindo aqueles que pertencem às famílias trabalhadoras com renda estável e próxima das classes médias, e outros que vivem com graves dificuldades financeiras. Tal facto contradiz alguns dos dogmas existentes nos estudos sobre as favelas, que as analisam de forma exclusiva enquanto *locus* de miséria no Rio de Janeiro. Segundo Licia Valladares (2008), as favelas não podem ser mais confundidas com pobreza, pois muitos moradores ascenderam socialmente, e muitos pobres não vivem nesses territórios.

Quase todos esses jovens são filhos de pais e/ou mães migrantes, principalmente vindos dos estados do Nordeste. A maior parte tem descendência negra, contudo a mescla de tons de pele é a marca predominante. Na Tekno treinam jovens negros (claros e escuros), brancos e mestiços, todos misturados, o que é indicativo de que as divisões étnico-raciais não têm uma forte influência no modo como eles convivem entre si. Existem, inclusive, namoros inter-raciais no interior do grupo. Coloco a hipótese de o racismo não ter muita relevância nas suas dinâmicas internas, devido à sua adesão a um estilo que tem as raízes na cultura afro-americana (e também latina), e que incentiva uma ideologia que propaga a união e condena qualquer tipo de discriminação. Simultaneamente, a forte influência da ideologia da mestiçagem no Brasil dilui e mascara as segregações raciais, influenciando as redes de amizade construídas e as sociabilidades internas.

---

<sup>22</sup> É notória a baixa participação de *B-girls* nos campeonatos e encontros de *break dance* no país. Uma das hipóteses que levanto para esta situação é a forte masculinidade do estilo, o que o torna menos apetecível para as raparigas.

Entre os jovens relacionados com o *breaking* identificámos três subgrupos principais. Os dois primeiros reúnem-se na Tekno, e constituem o foco principal da pesquisa. Embora treinem conjuntamente, uma série de desentendimentos e divergências fazem com que não sejam um grupo uniforme e coeso. O terceiro subgrupo corresponde àqueles que se reúnem num espaço cedido pela Associação de Moradores da Vila do Pinheiro. Formado por cerca de dez *B-boys*, o treino que realizam desfruta de uma autonomia institucional parecida com a que ocorre com os jovens da Tekno: não há professores e são os próprios a decidir o que vão treinar. No entanto, há um forte desequilíbrio de saberes e conhecimento sobre o estilo no interior do grupo, pois este é formado por nove iniciantes no *breaking*, e um jovem bastante experiente que exerce o papel simultâneo de instrutor e líder. Quase todos vivem nas proximidades do local onde treinam, nas localidades da Vila do Pinheiro e da Vila do João. A distância e a insegurança de ter de passar para áreas dominadas por facções do tráfico que são rivais daquela que domina a área onde vivem desmotivam a ida deles à Tekno, o que faz com que este colectivo mantenha uma certa separação dos restantes dançarinos do bairro.

A escolha de focar a observação nos dançarinos da Tekno prende-se com o facto de eles serem mais numerosos, terem uma participação mais activa no “circuito” de *breaking* (Magnani, 2005) da cidade e serem moradores de várias localidades da Maré. A seguir apresento uma descrição mais detalhada dos dois primeiros subgrupos que constituem o centro desta investigação.

- **Ativa Breakers:** é o nome da *crew* de *B-boys* que, no momento, estão mais activos na dança. Os seus principais integrantes, cerca de oito jovens (há uma *B-girl*), iniciaram-se no *breaking* em 2007. A questão geracional é um dos dados mais pertinentes que explica a coesão do grupo, dado que quase todos começaram na dança num momento comum das suas vidas. São jovens brancos, negros e mestiços – não existem separações nas suas sociabilidades devido à cor da pele – e a sua faixa etária situa-se entre os 16 e os 20 anos. A maioria deles vive no Morro do Timbau, mas outros componentes da *crew* habitam nas favelas da Nova Holanda e do Parque União. Igor, de 19 anos, é o “maestro” dos movimentos ensaiados, aquele que costuma centralizar a atenção e as actividades

do grupo. Exerce um importante papel de mediador entre a sua *crew* e outras que existem dentro e fora da cidade do Rio de Janeiro, partilhando novidades sobre campeonatos e eventos de *break dance*, assim como informações sobre a história do estilo e dos seus personagens centrais. Os jovens desta *crew* participam em diversos eventos, treinos e competições em vários pontos da cidade e, inclusive, noutros estados brasileiros. Exemplo disso é a participação recente no campeonato *Master Crew* em São Paulo, em Dezembro de 2010.

- **B-boys Antigos:** formado por cerca de seis jovens que se iniciaram no *breaking* em diferentes momentos das suas vidas, entre há quatro e oito anos atrás. O maior tempo de dança fez com que alguns deles desempenhassem um papel importante no apoio aos jovens da Ativa Breakers. É o caso de Weber, de 29 anos, cujo suporte foi fundamental para fazer crescer a adesão ao estilo no bairro. Com um dia-a-dia mais atarefado que os outros dançarinos – vive com a esposa e detém um emprego estável de cozinheiro –, Weber está noutro momento de vida. A maior experiência torna-o muito respeitado entre todos os *B-boys*, permitindo-lhe ser um elo de união entre os dois subgrupos. Entre os “antigos”, todos são negros e moradores das favelas da Nova Holanda e do Parque União, possuindo, maioritariamente, piores condições económicas que os membros do primeiro subgrupo. As suas idades variam dos 18 aos 29 anos, e a maioria deles treina de um modo mais inconstante que os integrantes da Ativa Breakers. As dificuldades de manterem uma frequência de treino constante explicam-se, por um lado, pelas responsabilidades que marcam a transição para a idade adulta: grande parte deles trabalha e já constituiu família, não tendo o tempo livre que tinham anteriormente. Por outro lado, as flutuações e descontinuidades da prática do *break dance* expressariam características essenciais das culturas juvenis, cujos movimentos oscilatórios e irregulares também estariam presentes noutras esferas das suas vidas: abandonam e voltam aos estudos, vivem períodos fora da casa dos pais mas voltam quando a situação económica se deteriora, a precariedade torna difícil manterem-se muito tempo num só emprego, etc. Esta lógica, de “movimentos yô-yô”, como lhes chamou Machado Pais (1996), seria dominada pela

experimentação, e leva os jovens a deambular por diversos caminhos laborais, conjugais, escolares, ou mesmo em termos de opções de lazer e estilos de vida.

### **5. Estilo *breaking*: que efeitos nas sociabilidades dos jovens da Maré?**

O *break dance* é um estilo de dança pouco usual entre os jovens da Maré, o que também é consequência da diminuta difusão desta prática no Rio de Janeiro.<sup>23</sup> No entanto, os *B-boys* e *B-girls* do bairro não passam despercebidos, já que as suas vestimentas espalhafatosas contrastam com a “moda da favela”, que se resume à bermuda, chinelo e camiseta simples. As variações de bermudas largas ou calça *jeans* com camisetas coloridas, muitas delas com símbolos da negritude ou do *hip hop*, são as roupas habitualmente utilizadas entre eles. Muitos exibem bonés de aba plana, lenços amarrados na cabeça, gorros e óculos de aro largo. Os ténis costumam ser de marca, o que é essencial para facultar estabilidade e diminuir hipóteses de contusões, tendo um valor simbólico entre os dançarinos. As imagens de ténis ou de rádios portáteis (chamados *boombox*) costumam ser os símbolos dos *B-boys* e *B-girls*, sendo grafitados ou desenhados nos campeonatos e eventos associados ao estilo.

O grande número de adeptos (a Tekno chega a agrupar cerca de trinta praticantes) e o talento de alguns dos seus dançarinos fizeram da Maré um dos locais centrais no circuito de *breaking* no Rio de Janeiro. Resgatar a história de como o *break dance* começou no bairro será fundamental para compreender o modo como este estilo se disseminou, ganhando mais adeptos e autonomia em relação às instituições locais. Simultaneamente, relacionar o *breaking* com outras práticas culturais mais massificadas, tais como o *funk* carioca, o samba, o pagode ou o forró, será fundamental para enquadrar esta prática no seu contexto. Os estilos musicais não devem ser pensados isoladamente, mas analisados na relação que estabelecem entre si e com outras práticas lúdicas. O modo como os jovens do *breaking* da Maré se relacionam com o *funk* merecerá uma atenção

---

<sup>23</sup> Embora o *break dance* seja pouco difundido no Brasil, há cidades onde a sua prática é mais comum, tais como São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba. Para os *B-boys* da Maré, a força do *funk* carioca dificulta a expansão do *break dance* e de outras vertentes associadas ao *hip hop* na cidade.

especial, dada a sua predominância.<sup>24</sup> Se alguns deles gostam de ouvir *funk*, outros são muito críticos, fazendo questão de demarcar fronteiras entre ambos os estilos.

Transformações ocorridas no quotidiano dos jovens por via da adesão ao *breaking* são flagrantes e referidas por eles como consequência directa da aproximação à cultura *hip hop*. Por um lado, esta adesão facilitou o acesso a um conjunto de conhecimentos sobre a dança e a história do movimento; por outro, introduziu novos capitais culturais e simbólicos nas suas vidas. Estes produzem nas suas consciências novas formas de ver a realidade e de se comportar, geradoras de uma autodisciplina que os faz ter uma outra “atitude” perante a vida. A maioria dos jovens realça nos seus discursos a necessidade de “ser um *B-boy*” não apenas quando dançam mas também no trabalho, na escola ou perante a família. Neste sentido, a “identidade *B-boy*” dialogaria com outras esferas da vida social, tendo uma forte centralidade no seu quotidiano. Para alguns deles isto significou o “afastamento moral” das práticas e influências criminosas (Fridman, 2008). Portanto, o estilo *breaking* pode ser entendido como uma “escola de moralidade”, ao servir de “escudo” contra as pressões da vida quotidiana (Wacquant, 2002).<sup>25</sup> É o que afirma Igor, um jovem *B-boy* de 18 anos, todos eles passados na Maré:

Se eu não tivesse conhecido a cultura *hip hop* eu hoje era traficante. A cultura *hip hop* foi a única coisa que me aceitou “de braços abertos” e que eu “caí de cabeça”. Antes de eu dançar, tudo para mim estava voltado ao tráfico, devido a coisas que aconteceram na minha família. Então mudou a minha vida bastante, comecei a dançar, aprendi a ter

---

<sup>24</sup> Os bailes *funk* da Maré costumam juntar milhares de pessoas todos os fins-de-semana. Contudo, são poucos os cantores de *funk* que vivem no bairro e os ensaios e encontros entre adeptos mais envolvidos com o estilo são escassos e pouco visíveis fora dos bailes. Isto poderá indicar que, apesar do amplo número de frequentadores de baile *funk*, a centralidade deste estilo musical nas suas vidas poderá ser reduzida. Na pesquisa de Hermano Vianna (1997), a esmagadora maioria dos frequentadores de bailes *funk* não o considerava um estilo de vida, não desempenhando um forte papel na construção identitária.

<sup>25</sup> O *breaking* ou o *hip hop* não podem ser entendidos como solução para os problemas da violência juvenil, pois esta expressa dilemas estruturais mais amplos da sociedade brasileira, tais como a extrema desigualdade social, a precariedade do sector público, o desemprego e a criminalização da pobreza e dos utilizadores de drogas. A adesão ao estilo não serve de “mágia” para colmatar essas forças objectivas, existindo exemplos de jovens no bairro que entraram no tráfico apesar de terem frequentado oficinas de *break dance*. Por isso, é necessário compreender o percurso biográfico de cada jovem, o modo particular como cada um incorpora as influências do *hip hop* e cria respostas próprias aos problemas estruturais que o afectam quotidianamente.

disciplina, aprendi a ter atitude. Tudo isso eu aprendi na cultura [*hip hop*], entendeu, por incrível que pareça, aprendi na cultura. Isso foi bom para eu arranjar um emprego, abriu portas para a gente prosseguir com a nossa cultura. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, e mudou bastante. [...] Não é só ser *B-boy* no treino, mas ser *B-boy* no treino, em casa, na rua, no trabalho, em qualquer lugar. Qualquer lugar que eu tiver eu vou estar com minha postura de *B-boy* porque é o que preservo para mim e sempre vou me sentir bem. Então é uma coisa que eu cultivo para mim. [Igor, 18 anos]

O “estilo *breaking*” ajudou Igor não apenas a conseguir emprego, mas trouxe estabilidade noutros ambientes onde participa, permitindo-lhe ultrapassar certos percalços que enfrentou. A entrada num curso profissionalizante de Web Design (está a frequentar o curso Jovem Aprendiz oferecido pela Redes e patrocinado pela Petrobrás) e a não desistência da escola também tiveram a influência da dança. Alargou as suas redes de contactos, e incutiu-lhe projectos de vida mais estruturados. Um dos seus sonhos é profissionalizar-se no *breaking* e entrar na Universidade de Cinema. Também ambiciona aprender inglês, tendo como objectivo visitar os EUA para conhecer os precursores do estilo e aprofundar o conhecimento da história do *hip hop*. Contudo, sabe que para todos esses planos se concretizarem será necessário concluir o ensino médio. Alterações na sua inserção escolar já se fazem notar: conseguiu concluir o 10.º ano após repetir quatro vezes consecutivas. No seu caso, o estilo *breaking* está a facilitar a transição para a vida adulta, ao expandir oportunidades e desbloquear alguns constrangimentos, agindo como mediador para um conjunto de responsabilidades (próprias da vida dos adultos) e mundos sociais que antes lhe eram estranhos.

As dinâmicas culturais advindas da prática do *breaking* desempenham um papel activo na construção de uma identidade associada ao estilo. Afirmam-se como *B-boys* ou *B-girls*, e os seus emblemas identitários agem como demarcadores dessa pertença, moldando práticas quotidianas e construindo uma visão do mundo. Normas e valores são accionados, tal como o reforço da solidariedade interna entre os seus adeptos – é constante referirem o termo “família” para designar o grupo a que pertencem. Passar o conhecimento adquirido sobre a dança e a sua história para os mais novos, ser trabalhador, ter uma boa postura perante a família e os vizinhos são outros princípios incentivados. Estes formam uma ideologia que é absorvida através do contacto que

estabelecem com dançarinos mais experientes, e pelos meios de comunicação que divulgam a “cultura *hip hop*”: *sites* e *blogs*, documentários, vídeos, livros e revistas. Simultaneamente, as sociabilidades impulsionadas por este estilo de dança proporcionam aos adeptos da Maré parâmetros existenciais que realçam a virtude, o companheirismo e a união, em contraponto à “sociabilidade violenta” promovida pelo tráfico de droga, cujo recurso à força e à racionalidade instrumental praticamente suspendem a noção de alteridade (Silva, 2008).

A experimentação e a competição artística estimulada pelo *breaking* multiplicaram os contactos com jovens de outros bairros, muitos dos quais de origens e classes sociais distintas. Participaram em eventos e campeonatos de *hip hop* em vários bairros do Rio de Janeiro, inclusive noutras cidades e estados do país, o que proporcionou experiências de vida riquíssimas. Essas viagens e novas amizades são exemplares da ampliação do “campo de possibilidades” (Velho, 1987) desses jovens, que fazem questão de destacar o amadurecimento advindo do seu envolvimento com a “cultura *hip hop*”. Esta proporciona uma educação alternativa que fala a “mesma língua” dos jovens, imprimindo um código de ética e um modo de vida que oferecem novas perspectivas à existência de cada um deles, num contexto onde as oportunidades escasseiam. Alguns deles criaram fortes vínculos com as ONG, o que fez aumentar o seu acesso a diferentes grupos sociais (alguns deles de fora da Maré), tornando-os potenciais mediadores entre moradores, instituições locais e pessoas vindas de outros bairros. É o caso de William, cuja expansão na sua rede de contactos o tornou um importante intermediário entre instituições locais e jovens do bairro. Trabalhou dois anos como instrutor de *break dance* nalgumas escolas públicas da Maré, sendo o principal informante do seu grupo de amigos sobre actividades e cursos que lá decorrem. Actualmente, está a fazer inúmeros cursos de fotografia no Observatório de Favelas, área em que ambiciona trabalhar futuramente.

Com o recurso ao *break dance*, esses jovens rompem com a lógica estigmatizante que os representa como “bandidos em potência”, construindo identidades afirmativas e positivas sobre si próprios. Quando dançam em eventos ou participam em campeonatos, evidenciam as suas qualidades, demonstrando que na favela também há pessoas com valores, e não só criminosos e traficantes. Esse processo de rotulagem é denunciado por Rômulo:

É como se dessem as informações de que nós fôssemos “pré-fabricados” como marginais. Acho que isso é algo que tem de mudar, tem de mudar. Não é pelo facto de nós morarmos numa comunidade que a gente vai seguir o nome de “favelado” à risca, entendeu. Até porque “favelado”... Eu posso até dizer que moro numa favela, moro numa comunidade, agora ignorantes nós não somos, ignorantes não. Acho que muito pelo contrário. [...] Dependendo do lugar, quando o cara fala que veio da zona sul [área nobre da cidade], a galera já fica mais tranquila. Mas quando você vê alguém bom que sai de dentro de uma comunidade, a pessoa fica meio que sem chão porque ela quer saber o que é que aconteceu para que o cara ficasse bom daquele jeito: “Porra! Como é que ele ficou assim dentro de uma favela? Aí tem coisa...” Já fica curioso, mas com o pé atrás. [Rômulo, 17 anos]

A prática do *hip hop* fomenta a auto-estima dos seus praticantes, e incita-os a pensar que podem conquistar alguns dos seus objectivos de vida, contrariando os discursos que profetizam os jovens favelados como fracassados ou “quase bandidos” (Silva, 2008). Desta forma, criam identidades positivas e afirmativas que subvertem o conceito de “favelado”, ao dar novos significados a eles próprios, valorizando as suas capacidades, atitudes e expressões culturais enquanto criadores activos. Na fragmentação sem precedentes que a modernidade inaugurou, os jovens do *breaking* da Maré encontraram na dança um modo eficaz de cultivar a sua subjectividade. Neste processo, contrariam as representações de senso comum que os marginalizam, e passam a ver-se a si próprios pela óptica do talento e das mais-valias que trazem consigo.

## **6. Novas formas de apropriação do bairro e da cidade**

Os constantes confrontos entre traficantes e a truculência policial dificultam a circulação das pessoas dentro da Maré. Divisões territoriais são impostas pelas diferentes facções do tráfico e forçam os moradores, particularmente os jovens, a evitar áreas sob o controlo de bandos rivais daquele que domina a sua vizinhança. Por um lado, receiam ser confundidos com membros de uma facção inimiga ou informadores da polícia, o que poderia pôr em causa a própria vida caso não haja uma explicação convincente por parte do acusado. Por outro lado, sofrem uma dominação simbólica que estimula uma

sociabilidade refém dos conflitos entre as diferentes quadrilhas da região. Ou seja, os jovens sofrem uma pressão para não lidarem com outros (muito parecidos com eles próprios) apenas pelo facto de viverem numa localidade dominada por uma facção adversária. Neste processo, os jovens “do lado de lá” são classificados como “alemães”: pessoas não confiáveis, não merecedoras de respeito e malfeitoras.

São raros os jovens que circulavam por todo o bairro antes de praticarem *break dance*. As suas redes de amizade restringiam-se, sobretudo, às localidades onde viviam, e só incluíam favelas vizinhas quando estas também eram áreas de domínio da mesma quadrilha. Nos seus depoimentos dão ênfase ao medo que tinham de entrar nos territórios da Maré controlados por facções rivais.

Antigamente a gente tinha muito medo desse lance de facção. A gente ficava aqui de um lado, eles no outro lado. Então a gente não passava para outras comunidades que eram de uma facção rival de jeito nenhum, porque a gente sempre tinha na cabeça aquela parada: “Se a gente passar para lá eles vão pegar a gente, vão bater, podem até matar. Então é melhor eu ficar no meu canto aqui do que passar para o outro lado.” Já quando a gente começou a dançar, o Renato a grafitar, o Rômulo também, eles dançarem, o que aconteceu? A gente já começou, meio com medo, a ir para o outro lado, eles virem para cá, mas foi de pouquinho em pouquinho. Quando a gente foi ver, estava indo para lá directo, de lá indo para outra comunidade, voltando, indo para campeonato em comunidade de facção rival. [Igor, 19 anos]

O receio de atravessar a “fronteira” não é injustificado, pois os relatos que narram os abusos cometidos por traficantes – que variam da agressão física até mesmo à morte quando confundidos com o “inimigo” – são comuns, estando disseminados nas memórias dos moradores da Maré. No entanto, a prática do *break dance* permitiu que os jovens rompessem com essas “fronteiras invisíveis”, ao alargarem as suas redes de amizade para fora dos limites geográficos impostos pelo tráfico. A composição do grupo de jovens que dança *breaking* reflecte tal transformação. Entre eles há pessoas que vivem em territórios que podem ser de domínio de diferentes facções, como por exemplo: Nova Holanda, Parque União, Rubens Vaz, Morro do Timbau, Vila do Pinheiro e Ramos. A maioria deles não se conheciam entre si antes de aderirem à dança, já que viviam espalhados por toda a

Maré. A partilha de um mesmo projecto de evasão foi a responsável pela reformulação das suas redes de amizade, ao fazer do interesse pela dança o móbil para a agregação entre eles. As possibilidades oferecidas pelo estilo de criarem uma linguagem própria para interpretar o mundo à sua volta, e melhor se posicionarem perante os desafios quotidianos, ajudou a cimentar as amizades, tornando alguns deles grandes amigos. Passaram a frequentar outras localidades (dentro e fora da Maré), e a demarcar-se dos demais jovens do bairro através de diversos emblemas identitários associados ao *hip hop*: roupas, gosto musical, cortes de cabelo, adereços, etc. Renato tem 18 anos e dança desde meados de 2007. Iniciou-se no *hip hop* através das oficinas de *graffiti* dinamizadas pela Redes. Actualmente, o *break dance* é a sua principal actividade de lazer, constituindo-se como o principal elo de ligação com o grupo de amigos. Segundo ele:

O *break dance* formou novas amizades que nunca seriam possíveis se não fosse o *breaking*. Para mim foi importante porque eu aqui no Parque União me sentia meio solitário, não via aqui ninguém que se identificasse com as mesmas coisas que eu, que pensasse do mesmo modo, que curtisse as mesmas coisas. Eu não via isso aqui, e no momento que eu abri a minha mente para andar mais a Maré: Nova Holanda, Timbau... Isso melhorou para caramba, fiquei muito mais próximo e me sentindo bem com as pessoas ao meu redor. Descobri outro universo que estava faltando para mim. [Renato, 18 anos]

Apesar de o estilo ser pouco disseminado no bairro, eles já são identificados enquanto “pessoal do *hip hop*”, dispondo de uma relativa tranquilidade para transitar entre as diferentes favelas. Como explica Renato:

Até a bandidagem sabe o porquê da gente estar circulando no lado de lá. E até eles respeitam esse lance da gente estar fazendo *breaking*, eles sabem. Eles mesmo falam: “Ah! Eles são do *hip hop*”. Para a gente é bom, porque a gente está vendo que eles estão respeitando. E o *breaking* ajudou a quebrar esse tabu, essa barreira... [Renato, 18 anos]

O perigo e os riscos de atravessar certas fronteiras entre as favelas é minimizado pela adesão ao *breaking*, que desloca as fronteiras do medo e oferece a segurança mínima

para poderem circular por todo o bairro (Leite, 2008). Este novo modo de se apropriarem da Maré repercute-se benéficamente no seu cotidiano, pois “normaliza” as suas rotinas, constantemente alteradas pelos confrontos violentos e por impedimentos de ir e vir, diminuindo os efeitos de “erosão do espaço público” associado à violência e à segregação (Fridman, 2008). Essas transformações tornaram possível a criação de um sentimento de pertença à Maré (como um todo), ao superar históricas identificações locais ou rivalidades estimuladas pelo tráfico.<sup>26</sup> Opera-se uma “reconciliação com o bairro”, dado a forma de o representar passar a incorporar as suas qualidades e mais-valias. Muitos jovens admitem que antes não gostavam da Maré, vendo apenas os seus defeitos. Mentiam sobre o local de residência, não só nas entrevistas de trabalho (de modo a evitar a perda da oportunidade de emprego), mas também no convívio com outros jovens que não moravam lá. Tinham vergonha de dizer que eram habitantes do bairro, dado o estigma associado ao local e aos seus moradores. Actualmente acontece justamente o oposto, fazem questão de dizer que vivem na Maré, mencionando essa pertença nas apresentações e campeonatos de *break dance*. Como relata Igor:

Eu cometi muito esse preconceito de falar que eu não morava na Maré, falava que morava em Bonsucesso, na Praça das Nações que já é um lugarzinho mais classe média, porque eu tinha vergonha de falar. Com a cultura *hip hop* que eu fui perceber que estava enganando a mim mesmo, entendeu! Foi quando eu parei: “Pô! Tá errado. Estou cometendo uma parada que não tem nada a ver”. [...] Por isso que a gente fala Maré mesmo [nos campeonatos de *break dance*], para quebrar essa rotina de negatividade. Quando a gente fala esses nomes “Maré”, “Nova Holanda”, as pessoas já ficam nessa negatividade, olhando assim: “Pô! Vocês são de lá.” Mas a gente sempre vai falar Maré meio para quebrar essa parada, porque a gente dança para caramba no evento, ri para caramba, e “da onde vocês são?” A gente fala com orgulho: “Somos lá da Maré maluco.” É totalmente diferente, a pessoa já fica assim: “Pô, os malucos são lá da Maré. O que é que aconteceu para eles dançarem assim!?” [Igor, 19 anos]

---

<sup>26</sup> O baile *funk* na Maré é organizado pelo tráfico, constituindo-se como um importante veículo de transmissão dos seus valores e orientações. Parte das músicas tocadas chama-se “proibidão”, pois os conteúdos das letras variam do teor pornográfico à apologia da facção que domina o tráfico de droga na região.

Dizer em público que são da Maré é uma forma de contrariarem as representações estigmatizantes sobre o bairro enquanto *locus* exclusivo da pobreza e do crime violento. Esses jovens querem dizer “alto e bom som” que na Maré há coisas boas, e que muitos dos seus habitantes são talentosos e bem diferentes da visão vulgarizada pelo senso comum. A coesão e união entre eles podem ser interpretadas como uma tentativa, extremamente desigual, de disputar os processos de identificação sobre o bairro em que vivem, opondo-se às identificações vindas de fora. Esta questão é ainda mais relevante quando se trata de moradores que cada vez mais são destituídos da capacidade de produzir as suas próprias identidades colectivas e individuais, dada a correlação de forças ser extremamente desfavorável para quem vive os efeitos do estigma territorial. Por isso, o *breaking* é um dos poucos instrumentos de que dispõem para ressignificar o bairro onde vivem e a sua própria identidade enquanto moradores de favela.

O uso do *breaking* na disputa desses processos de identificação foi bastante perceptível quando estive com alguns deles num campeonato de dança em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro. Os jovens que participaram no campeonato, seja como espectadores, seja como competidores, eram identificados pelos demais como sendo da Maré, um “rótulo” que passou a ser interpretado pelos *B-boys* da cidade como sinónimo de bom dançarino. Uma das duplas do bairro teve uma óptima participação e chegou à final, fazendo com que na volta para casa alguns deles gritassem várias vezes “Maré” da janela do autocarro para aqueles que desciam antes. Esse grito de comemoração evidenciava não apenas o sentimento de pertença ao bairro, mas tornava as vitórias obtidas no campeonato “um troféu contra-estigmatizador” que poderia ser levantado por todos os do grupo.

Os efeitos do *break dance* não se limitam ao modo como os jovens se apropriam do seu bairro, afectando também as suas relações com a cidade do Rio de Janeiro. Nas entrevistas realizadas, eles referem que antes da adesão ao *breaking* saíam pouco da Maré, tendo uma visão bem limitada da cidade, seja do subúrbio ou das áreas nobres. Fazem questão de dizer que o *break dance* foi responsável por terem conhecido muitos locais diferentes, inclusive fora do estado. Por isso, levanto a hipótese de este estilo ser um “instrumento de acesso à cidade”, fornecendo-lhes outra compreensão do espaço

urbano. É comum treinarem na Praça XV e na Lapa (centro), na Tijuca (zona norte), São Gonçalo (subúrbio do Rio de Janeiro), participarem em eventos e campeonatos em bairros nobres da zona sul, ou noutras favelas, como a Rocinha e o Vidigal. Como relata Rick, um *B-boy* de 17 anos que reside na Nova Holanda:

Há um tempo atrás eu era fechado à minha casa e à escola, e poucas vezes à minha rua. Eu acho que no sábado agora nós vamos à Praça XV, que é o lugar onde os *B-boys* se encontram no Rio de Janeiro. A gente viaja para Belo Horizonte [capital do estado de Minas Gerais], eu vou agora para Juiz de Fora [cidade do estado de Minas Gerais], Renato já foi para Juiz de Fora e São Paulo. O *breaking* abriu muito a barreira de viajar, porque antes se você fosse viajar não tinha motivos. [Rick, 17 anos]

Com o recurso ao *hip hop* deixam de ser “sujeitos passivos”, ao promoverem uma cidadania insurgente e proporem novos usos da cidade, construindo uma acção interventiva e mobilizadora. E contrariam as lógicas segregadoras que dificultam a sua ida para outras partes da cidade, principalmente os seus bairros privilegiados. Ao transformarem a Maré num dos expoentes do roteiro de *break dance* do Rio de Janeiro (é comum virem jovens de outros bairros para treinar na Maré), invertem as lógicas culturais que privilegiam as áreas nobres, contribuindo para baralhar a tradicional dicotomia centro-periferia.

### **Referências bibliográficas**

- Alvito, Marcos (2001), *As Cores de Acari: Uma Favela Carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- Birman, Patrícia (2008), “Favela é comunidade?”, em Luiz Antonio Machado da Silva (org.), *Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 99-114.
- Burgos, Marcelo Baumann (2006), “Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro”, em Hermano Vianna (org.), *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV Editora, pp. 25-60.

- CEASM (2003), *A Maré em Dados: Censo 2000*. Rio de Janeiro: CEASM.
- Fridman, Luis Carlos (2008), “Morte e vida favelada”, em Luiz Antonio Machado da Silva (org.), *Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 77-98.
- Jacques, Paola Berenstein (2002), “Cartografias da Maré”, em Drauzio Varella, Ivaldo Bertazzo e Paola Berenstein Jacques (orgs.), *Maré: Vida na Favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Leite, Márcia Pereira (2008), “Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas”, em Luiz Antonio Machado da Silva (org.), *Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 115-141.
- Magnani, José Guilherme Cantor (2005), “Os circuitos dos jovens urbanos”, *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, vol. 17, n.º 2, pp. 173-205.
- Noronha, Fernanda, Paula Pires, e Renata Toledo (2007), “Japas e manos (ou streeteiros e b.boys) na estação Conceição do metrô”, em José Guilherme Cantor Magnani e Bruna Mantese de Souza (orgs.), *Jovens na Metrópole: Etnografias de Circuitos de Lazer, Encontro e Sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, pp. 117-134.
- Pais, José Machado (1996), “A geração yô-yô”, em *Dinâmicas Multiculturais: Novas Faces, Outros Olhares*, Actas das Sessões Temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 111-125.
- Raposo, Otávio Ribeiro (2007), *Representa Red Eyes Gang: Das Redes de Amizade ao Hip Hop*, tese de mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Rosa, Thaís Troncon (2009), “Favelas, periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias”, em *GT 01 – A Cidade nas Ciências Sociais: Teoria, Pesquisa e Contexto*, Caxambu, 33.º Encontro Anual da Anpocs.
- Santos, Nuno (2006), *Academia Europeia de Hip Hop: Fase Projecto*. Lisboa: Khapaz – Associação Cultural / ACIME.
- Silva, Eliana Sousa (2009), *O Contexto das Práticas Policiais nas Favelas da Maré: A Busca de Novos Caminhos a Partir de Seus Protagonistas*, tese de doutoramento em Serviço Social. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

- Silva, Jailson de Souza, e Jorge Luiz Barbosa (2005), *Favela: Alegria e Dor na Cidade*. Rio de Janeiro: SENAC Rio Editora.
- Silva, Luiz Antonio Machado (org.) (2008), *Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Silva, Luiz Antonio Machado, e Márcia Pereira Leite (2008), “Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas”, em Luiz Antonio Machado da Silva (org.), *Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, pp. 47-76.
- Tella, Marco Aurélio Paz (2000), *Atitude, Arte, Cultura e Autoconhecimento: O Rap como a Voz da Periferia*, tese de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Valladares, Licia do Prado (org.) (1983), *Repensando a Habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Valladares, Licia do Prado (2008), *A Invenção da Favela: Do Mito de Origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Velho, Gilberto (1987), *Individualismo e Cultura: Notas para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ventura, Zuenir (1994), *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vianna, Hermano (1997), *O Mundo Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vieira, Antônio Carlos Pinto (2002), *A História da Maré*. Rio de Janeiro: Rede Memória da Maré – CEASM.
- Wacquant, Loïc (2002), *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de Um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora.
- Zaluar, Alba (2006), “Crime, medo e política”, em Alba Zaluar e Marcos Alvito (orgs.), *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV Editora, pp. 209-232.
- Zaluar, Alba, e Marcos Alvito (orgs.) (2006), *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV Editora.